

## QUESTÕES DE GÊNERO NA ESCOLA: CONCEPÇÕES DOCENTES FRENTE À DOMINAÇÃO SIMBÓLICA

**SAMARA FERNANDES DE BARROS**  
Universidade Estadual da Paraíba  
[Samarabarros7@hotmail.com](mailto:Samarabarros7@hotmail.com)

**RESUMO:** As relações de gênero, feminino e masculino, e suas complexidades históricas trazem à tona levantamentos e críticas socioculturais e políticas ao redor da dominação simbólica, imposta pela visão machista, muitas vezes imperceptível pelas sutilezas do cotidiano e, com isso, disseminada deliberadamente em vários espaços, inclusive na escola. O objetivo do presente artigo é compreender como os (as) professores (as) da Escola Estadual João Ribeiro, da cidade de Gurinhém-PB, percebem e abordam a questão de gênero (considerando o domínio masculino sobre o feminino) no espaço da sala de aula. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com aplicação de questionários aos professores (as) das áreas de Ciências Humanas da escola mencionada. A investigação revelou que o olhar docente frente à condição feminina na escola, enfrenta dificuldades sobre a forma de lidar com questões de gênero na escola, a dificuldade de idéias formadoras e reflexivas na quebra da desigualdade de gênero. Diante das falas dos respondentes, percebeu-se a necessidade de capacitação de professores (as) sobre as relações de gênero, que seja capaz de propiciá-los (as) apoio pedagógico para que possam adquirir posturas reflexivas sobre a dominação simbólica e, conseqüentemente, sentirem-se seguros sobre os problemas enfrentados na sala de aula, na escola e para além delas.

**Palavras-Chave:** Questões de gênero na escola, Dominação simbólica, Concepções docentes sobre gênero.

### INTRODUÇÃO

A mulherem seu universo biológico e definido pela sua gênese sexual foi tratada por muito tempo como sujeito invisível socialmente. Segundo Louro (1997, p. 17), “tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos”. Para a autora, ações isoladas ou coletivas, dirigidas contra a opressão das mulheres, podem ser observadas em muitos e diversos momentos da História.

Reconhecer as ações de invisibilidade, como descreveu Louro (2007), requer um exercício de muita reflexão, até porque a maioria das sociedades tem estabelecido, ao longo dos séculos, a divisão masculino/feminino como algo fundamental e tem compreendido tal divisão como relacionada ao corpo. No caso, ressaltamos que não se segue, necessariamente, a conclusão de que as identidades de gênero e sexuais são tomadas da mesma forma em qualquer cultura na qual a

condição feminina é carregada de preconceitos, desvalorização e exclusão imposta pelo poder machista, tendo em vista que cada sociedade tem suas particularidades. No entanto, na contemporaneidade, verifica-se como algo comum a imposição de uma violência simbólica<sup>1</sup> permeada pela dominação masculina sobre a feminina.

A violência simbólica, por exemplo, pode ser percebida no casamento, tendo em vista que o homem dá como significado a mulher, um “nome”. Assim como descreveu o antropólogo e sociólogo Pierre Bourdieu (2012), “que o mercado matrimonial está na base de toda ordem social: as mulheres só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos”. Demonstrando na sua fala, o poder simbólico dado aos homens, pelo reconhecimento invisível da união patriarcal. No qual o autor ainda descreve, Bourdieu (2012); “em que cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens”.

Na tentativa de se buscar uma sociedade igualitária a ambos os gêneros, surge à indagação se as escolas, assim como os (as) professores (as) da área de humanas, que parte como ponto crucial e inicial na formação de seus sujeitos, consegue visualizar formas de dominações simbólicas e de poder dentro da sala de aula.

Em linhas gerais, é importante ressaltar que entendemos a área de humanas como constituinte de um eixo articulador no processo formativo dos (as) alunos (as) capaz de propiciar rupturas nos preconceitos, nas desigualdades sociais, culturais, políticas e econômicas, tornando os sujeitos escolares, cada vez mais, indivíduos capazes de construir um lugar mais justo a partir da diferença de gênero, e a condição feminina exposta a elas.

A discussão dessa temática é de suma importância, uma vez que ainda há uma discrepância na igualdade entre os gêneros, feminino e masculino, diante do processo lento e gradual em que o feminismo vem tentando conquistar numa sociedade que tem como “legado” igualdade a todos, em meio aos chamados direitos dos homens.

Em suas análises, Foucault (1988, p. 24) diz que:

O movimento feminista, em seu início, teve como sua meta conquistar a igualdade de direitos entre homens e mulheres e garantir a participação da mulher na sociedade de forma equivalente. Pode-se dizer que o movimento feminista foi e ainda é um movimento político e intelectual que vem desfazer a ideia de que há uma diferença entre os gêneros. As mulheres acreditavam que elas, por si só, deveriam lutar pela conquista de suas independências.

---

<sup>1</sup> Segundo Bourdieu (2015, p. 5-6) resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.



Nosso objetivo geral é compreender como os/as professores/as da área de Ciências Humanas (História, Geografia, Sociologia e Filosofia), no Ensino Médio, da Escola Estadual João Ribeiro, da cidade de Gurinhém-PB, percebem e abordam a questão de gênero (considerando o domínio masculino sobre o feminino) no espaço da sala de aula.

## **METODOLOGIA**

O nosso campo de estudo tem como locus investigativo a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João Ribeiro, na cidade de Gurinhém-PB, enquanto espaço social que comporta os diferentes gêneros. Portanto nossas análises se situam a partir do olhar dos (as) professores (as) da área de Ciências Humanas em relação a questões de gênero, considerando a dominação do masculino sobre o feminino, com abordagem sobre a construção histórica e cultural, no que diz respeito aos lugares de falas, de relação de poder e vozes sociais que permeiam as relações escolares, incluindo o processo de ensino aprendizagem. Sendo assim, é importante frisar que:

O ensino é uma práxis social complexa. Realizado por seres humanos entre seres humanos, é modificado pela ação e relação dos sujeitos (professores e alunos) situados em contextos (institucionais, culturais, espaciais, temporais, sociais), e, ao mesmo tempo que é modificado nesse processo relacional contextualizado, modifica os sujeitos envolvidos. (ALMEIDA E PIMENTA, 2014, p. 20)

Mediante o contexto apresentado, elencamos a seguinte questão norteadora: Como os professores da área de humanas, da escola estadual João Ribeiro, percebem e abordam a dominação de gênero (masculino sobre feminino) no espaço da sala de aula?

Nosso estudo tem como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa em educação, que leva em consideração as questões socioculturais, indagando e problematizando acerca de seus limites e possibilidades, na busca de responder determinados objetivos específicos. Como descreve Turato (2005), as pesquisas que utilizam o método qualitativo devem trabalhar com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões, ao mesmo tempo em que busca analisar de forma investigativa, através de um questionário aberto, em que permite a liberdade ilimitada do respondente com base em suas reflexões, em descrever.

Com o intuito de compreender como a escola situa e se apropria da temática em tela, nossa investigação traz questionários abertos para professores da área de humanas, da escola João Ribeiro,

conforme citada na introdução, tendo em vista que cada disciplina é composta por um (a) professor (a), portanto, foram investigados quatro professores(as) da área.<sup>2</sup>

Salientamos, desde já, que, devido aos princípios éticos seguidos nesse trabalho optamos por não citar nomes dos sujeitos pesquisados, evitando algum possível constrangimento. Os (as) professores (as) participantes serão citados como: P1 (Professor de Geografia), P2 (Professora de Filosofia), P3 (Professora de Sociologia), e P4 (Professor de História).

Para a coleta de dados, aplicamos questionários abertos com professores e professoras da área de humanas, com questões respaldadas na questão de gênero, no processo de ensino-aprendizagem. Com base nas respostas, tecemos algumas considerações sobre como a imagem do feminismo está sendo tratada historicamente dentro da escola, bem como qual a importância de inseri-la como sujeito histórico.

Os questionários são compostos por três perguntas e duas situações reflexivas sobre a questão de gênero no processo de ensino-aprendizagem, e para além dele. Com base nas respostas, tecemos algumas considerações sobre como a imagem do feminismo está sendo tratada cultural e historicamente e dentro da escola, bem como a importância de inserir a mulher enquanto sujeito histórico.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A partir das falas dos professores e das professoras respondentes dos questionários para refletirmos o viés de dominação simbólica identificáveis nas questões de gêneros na escola e situarmos o olhar do docente frente as relações escolares que comportam os diferentes sujeitos. Dito de outra forma, a ideia é discutirmos não somente as facetas obscurecidas quanto às relações de gênero, mas também se verificar como os docentes se situam em relação ao papel que devem desencadear com relação ao tema, dentro da sala de aula.

Na questão que reflete sobre os papéis dos docentes em relação aos estudos dos gêneros, que condiz com a pergunta de número cinco, o professor P1 e a professora P3 esclarecem o papel do professor fundamental na perda de estereótipos. Para o P1: “buscando através de discussões e ensinamentos minimizar a diferenciação estereotipada pela sociedade”. Já nas poucas palavras da

---

<sup>2</sup> Formação de cada professor (a): P1\_ Licenciatura Plena em Geografia. Especialização em Gênero, Diversidade pela escola. Professor substituto, lecionando na sua área. Idade 33 anos. Solteiro; P2\_ Licenciatura Plena em Letras, Habilitação em Língua Espanhola. Cursando Especialização em Supervisão e Orientação Educacional. Atualmente leciona a disciplina de Sociologia e Espanhol. Idade 26 anos. Solteira; P3\_ Licenciatura Plena em História. Atualmente Leciona a disciplina de Filosofia e Historia. Idade 37 anos. Casada; P4\_ Não forneceu de seus dados.



professora P3 percebemos que há certo equívoco, pois ela define o papel do (a) professor (a) “como mediador do conhecimento, o papel do professor é fundamental na construção ideológica”. Porém revela que, “em algumas técnicas os homens se saem melhor, já em outras, as mulheres podem se sair melhor, porém um completa o outro, sem preconceito, sem machismo, sem discriminação.”

A fala da professora P3 deixa desconecta a validade da perda do estereótipo, por distinguir lugares sociais a ambos os gênero, a partir das técnicas exercidas pelo homem e pela mulher ao longo do tempo, em que o machismo, o preconceito e a discriminação se sobressaem nos afazeres sociais, havendo, assim, uma construção ideológica sobre as distinções de identidade, e, portanto, generalizadas há muitos anos, porém, ainda vigente nos dias atuais como salienta Bourdieu (2015, p. 46.):

Os princípios antagônicos da identidade masculina e da identidade feminina se inscrevem, assim, sob a forma de maneiras permanentes de se servir do corpo, ou de manter a postura, que são como que a realização, ou melhor, a naturalização de uma ética. Assim como a moral da honra masculina pode ser resumida em uma palavra [...] enfrentar, olhar de frente e com a postura ereta (que corresponde à de um militar perfilado entre nós) [...] do mesmo modo a submissão feminina parece encontrar sua tradução natural no fato de se inclinar, abaixar-se, curvar-se, [...] na docilidade correlativa que se julga convir à mulher.

O estereótipo incorporado e materializado culturalmente em ambos os gêneros define o peso determinante dos bens simbólicos, caracteriza normas e comportamentos a cada gênero, feminino e masculino e ordena os lugares sociais cabíveis a cada um pela sua “essência” biológica e natural, aquela que condiciona valores e que são expressos na sociedade e na escola. Na questão de número um, procuramos perceber o modo pela qual o estereótipo é materializado e segundo o professor P1:

O papel do homem e da mulher é construído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo. Desde a barriga da mãe, a criança já começa a sofrer influência por parte dos pais e familiares [...] propor o enxoval da criança conforme o sexo da criança. Se for menino a cor é azul, e para a menina o rosa. [...] Quando a criança chega na (sic.) escola ela exhibe comportamento estereotipado de gênero.

Da mesma forma, a professora P3 esclarece que:

O conceito de gênero é uma construção sociocultural que atribui, a homem e mulher, papéis distintos na sociedade, que depende dos costumes de cada lugar [...] as mulheres são vistas como passivas atribuindo-lhes as qualidades como: paciência, fragilidade, emoção, enquanto os homens lhe atribuem qualidades ativas como: agressividade, força e dinamismo.

As ideias expressas pelos docentes P1 e P3 são convergentes. Neste sentido, o olhar de tais docentes contribui para analisarmos as diversas formas como as pessoas são influenciadas a generalizar determinados conceitos e lugares sociais pela definição de gênero. De acordo com Butler (2015) os vários atos de gênero criaram a ideia de gênero, e sem atos não haveria gênero algum, pois não há nenhuma “essência” que ele expresse ou exteriorize, nem tão pouco um ideal objetivo ao qual aspire, bem como não é um dado da realidade. Nestas perspectivas, acreditamos que cada momento histórico conseguiu transmitir atributos considerados “normais” vislumbrando sua gênese, ou seja, definindo o conceito de mulher desde o seu nascimento e seu órgão genital.

Na fala do professor P4, “tal realidade é consequência da pouca exploração do tema nas escolas. A clareza do conceito de gênero que vai além da diferenciação biológica precisa ser incorporada ao currículo educacional.” Complementarmente, a professora P2 diz que “embora nossa sociedade seja machista, no ambiente escolar não são explícitos os distintos papéis dos gêneros”.

Apesar de alguns docentes conseguirem analisar o peso da cultura no mais forte alicerce da dominação, em muitos casos, os (as) professores (as) se deparam com situações diversas de dominação simbólica dentro da sala de aula, mas poucos conseguem identificá-las pelo fato de serem consideradas normais – do ponto de vista cultural, naturalizado. É o que chamamos de dominação simbólica sutil, perante a fragilidade da percepção cotidiana. Levando isso em consideração, elaboramos uma situação em que avaliasse se há alguma relação de dominação simbólica no fato, por exemplo, da mulher ficar responsável pelas comidas e os homens pelas bebidas, numa possível festa de comemoração em sala de aula. É o que configura a situação de número três.

Na situação acima, a professora P3, descreve de forma sucinta, que “há uma dominação simbólica do homem, tendo em vista a cultura histórica que perpetua até nossos dias.” Ela esclarece que:

As mulheres levam as comidas porque do ponto de vista cultural elas dominam ou pelo menos devem dominar essa técnica. [...] o homem, por sua vez, como culturalmente não foi feito para cozinhar e sim para trabalhar, levam o refrigerante.

O embasamento e reflexão da fala da professora acima deixa nítida a divisão dos bens simbólicos pelo viés cultural, que determina técnicas adequadas a cada gênero. Hipoteticamente, há a descrição de que o sexo masculino deve, de fato, dominar a técnica, pois, na fala da professora, “o homem não foi feito pra cozinhar e sim para trabalhar”. Este tipo de análise nos permite inferir que

há uma associação das atividades produtivas à ideia de trabalho, ficando marcada à divisão sexual e inferiorização da condição do gênero feminino em relação ao masculino.

Este tipo de análise reflete o modelo de sociedade em que o homem, por sua vez, atua cada vez mais como o peso determinante na economia. Como aponta Bourdieu (2015), na divisão do trabalho de manutenção do capital social e do capital simbólico, que atribui aos homens o monopólio de todas as atividades oficiais, públicas, de representação, e em particular de todas as trocas de honra. Sendo assim:

“(já foi inúmeras vezes observado que, na publicidade ou nos desenhos humorísticos, as mulheres estão, na maior parte do tempo, inseridas no espaço doméstico, à diferença dos homens, que raramente se veem associados à casa e são quase sempre representados em lugares exóticos), entre os lugares destinado sobretudo aos homens, como bares e os clubes...”  
(BOURDIEU, 2015. p. 84-85)

Ainda sobre a questão de número três, mediante a situação da mulher ficar responsável pelas comidas e os homens pelas bebidas numa possível confraternização na escola, a professora P2, o professor P1 e o P4 têm a imagem perceptiva do mundo social de inferiorização quanto a reprodução biológica. Para o P2: “é como se a mulher tivesse obrigação de saber cozinhar, como se essa tarefa fosse específica e inata à classe feminina.” Já o P4 afirma que: “na situação apresentada a mulher teria a tarefa de preparar a comida para o homem consumir com sua bebida, ou seja, sutilmente a mulher é colocada como serviçal”. Na ótica do P1:

Este tipo de atitude reproduz o estereótipo de que meninas têm o domínio das tarefas domésticas, que são prendadas, enquanto os meninos não sabem cozinhar, pois o homem não nasceu para fazer trabalhos que sempre foram atribuídos às mulheres.

De forma mais amplo, esse constructo social revelado nas falas dos (as) professores (as) se vê aliado há uma visão preconceituosa sobre as qualidades do feminino, entendendo a mulher como gênero que deve estar apto a cuidar do lar, ter filhos e obedecer a seus maridos, gera-se outra noção de preconceito, a de inferiorizar a capacidade da mulher em saber, ou nada saber de atividades diversas como, por exemplo, o domínio da tecnologia. O trabalho mal remunerado, junto à visão de uma mentalidade fértil se faz nascer à lógica essencialmente social que as mulheres não são capazes de ocupar posições profissionais iguais aos homens. Este tipo de atitude vem gerando conflitos e lutas pela busca de visibilidade social.

E depois de longas lutas das mulheres para fazer reconhecer suas qualificações, as tarefas que as mudanças tecnológicas radicalmente redistribuíram entre os homens e mulheres serão arbitrariamente recompostas, de modo a empobrecer o trabalho

feminino, mantendo, decisoramente, o valor superior do trabalho masculino. (BOURDIEU, 2015. p. 89)

Tendo em vista a desqualificação profissional e tecnológica, criamos uma situação para que os respondentes pudessem analisar a dominação simbólica mediante a necessidade de o professor precisar de ajuda técnica na sala de aula e recorrer inconscientemente aos meninos (gênero masculino). O que corresponde à quarta alternativa do questionário.

Diante da situação analisada, o professor P1 esclarece essa visão de forma delimitada entre os sexos na sala de aula:

O conceito de gênero é compreendido como a desnaturalização do sexo, delimitando o poder entre os sexos, ou seja, as mulheres são vistas como frágeis ou poucos domínios determinados tarefas e isso é representado no momento em que a professora recorre aos meninos, por acreditar que eles dominem as tecnologias e as meninas não.

Já a professora P3 declarou que:

Aprincípio como se trata do inconsciente não vejo como dominação simbólica, tendo em vista que nesse aspecto de tecnologia, homens e mulheres dominam essa técnica por que essa a geração de jovens que vivem na era da globalização.

Subtende-se que mesmo numa situação hipotética, alguns casos de dominação simbólica não conseguem ser compreendidos por alguns docentes por estarem justamente enraizados na nossa cultura de forma naturalizada. A professora não identificou que a forma inconsciente do professor em sala já revela um modelo machista em que o masculino quem domina questões técnicas e tecnológicas.

Nossa segunda alternativa do questionário aplicado,reflete se há uma atitude dos (as) professores (as) em instruir determinadas questões sobre estudo de gênero, de forma pedagógica e metodológica na sala de aula, considerando a dominação simbólica (masculino sobre o feminino) construída historicamente.A ideia é questionar se os (as) professores (as) abordam, e como abordam as questões de gênero durante suas aulas.

Segundo a professora P2: “em sociologia é comum trabalharmos as lutas sociais ao longo da historia, nesse contexto, é imprescindível falarmos da luta feminina para conquistar seu espaço na sociedade que sempre usurpou seus direitos...” No decorrer da sua fala, fica notório que a professora aborda as questões de gênero durante as aulas, porém não ela não evidencia os recursos utilizados para se alcançar determinados objetivos no que tange os problemas de gênero. Já o

professor P4 afirma que aborda as questões de gênero, porém “de forma esporádica com pouco planejamento”.

Nas demais falas, como na do professor P1 e da professora P3, ficam notórias que ambos abordam as questões de gênero na sala de aula e utilizam de habilidades pedagógicas para contribuir para a formação de novos valores com relação ao preconceito e discriminação. Para P1: “Através de discussões em sala de aula abordando os diferentes papéis que homens e mulheres exercem na sociedade.” A professora P3 diz que: “Com assuntos do cotidiano fazendo questionamentos sobre textos e notícias da atualidade, como o intuito de enxergarem diante do debate a presença do preconceito e do machismo, contudo, todas as opiniões são aceitas para que possamos analisá-las e refletir sobre elas”.

Sobre esta segunda pergunta, o professor P4 diz:

O(a) próprio (a) professor (a) terá que desconstruir o conceito de gênero que até então ele(a) possui. Estudar, pesquisar, debater e tomar atitudes diárias que possam favorecê-lo(a) nessa desconstrução. Não será uma tarefa fácil, usarei novamente as palavras de Pierre Bourdieu, como quebrar a dominação masculina se ela está tão imbricada no nosso inconsciente e nas formas mais simples de organização do pensamento e da linguagem?

Percebemos que professor recorre a teorias para salientar a dificuldade da quebra da dominação simbólica, partindo do pressuposto de que é tarefa do(a) próprio(a) professor(a) buscar soluções individuais para que isso aconteça, inclusive utilizando alguns métodos pedagógicos. Implicitamente, ou não, o professor acaba por perceber a deficiência da escola em implantar formação continuada que auxilie as discussões de gênero, enquanto compromisso de atuação no espaço escolar.

Identificamos nas falas dos (as) professores (as) que os mesmos atentam para a existência da dominação simbólica perante os gêneros na sala de aula, apesar de que, em algumas falas se percebe, mesmo que invisivelmente, a perpetuação da dominação simbólica (masculino sobre feminino).No entanto, trabalham de várias formas pedagógicas conscientes do meio cultural em que cada aluno está inserido.

## **CONSIDERAÇÕES**

Nossa pesquisa revela que ainda persistem certas dificuldades reflexivas relevantes aos questionamentos sobre as relações de gênero, masculino sobre o feminino, e a forma de encará-los

no âmbito escolar, no qual, dificulta uma análise aprofundada de suas reais práticas pedagógicas e metodológicas, a fim de salientar sua visão norteadora sobre a dominação simbólica entre os gêneros, no espaço da sala de aula.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa os resultados revelam que existe certa dificuldade dos docentes lidarem com as questões de gênero na escola, principalmente quando se trata de reflexões referentes à dominação simbólica.

Como um todo, consideramos que os (as) professores (as) se vêm cobrados a responderem as demandas sociais, a violência, ao acúmulo de informações, entre outros que exigem constantes desafios pedagógicos por parte dos docentes frente às diferentes situações ocorridas no espaço da sala da aula, como por exemplo, aquilo que pode ser identificado por naturalizado.

O processo de "fabricação" dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. Antes de tentar percebê-lo pela leitura das leis ou dos decretos que instalam e regulam as instituições ou percebê-lo nos solenes discursos das autoridades (embora todas essas instâncias também façam sentido), nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como "natural". (LOURO, 1997. p. 63)

Mesmo com dificuldades enfrentadas, existem avanços sobre a relação de poder exercida no gênero feminino, ao ponto de que se percebe como os educadores, e parte da sociedade contemporânea, estão atentos a essa dominação, depositada ao gênero feminino, e nessa busca de direitos iguais, o feminismo tem alcançado várias conquistas, como por exemplo, comandam escolas, universidades, empresas, cidades e países como é o caso da presidente Dilma Rouseff. Acreditamos que com base nas práticas educativas o docente pode reconstruir e se reposicionar frente às diversas questões e desenvolver mecanismos que constituam avanços sobre os regimes de desigualdade de gênero, possibilitando outras formas de repensá-los e mudá-los.

O que se percebe nas respostas dos entrevistados é a pouca utilização de teoria científica para salientar os problemas enfrentados pelos gêneros, feminino e masculino, no espaço da sala aula, viabilizando a dificuldade de idéias formadoras e reflexivas na perca da desigualdade de gênero. O que talvez se possa afirmar a necessidade de apoio pedagógico, uma formação continuada pautada nos princípios pedagógicos, na pesquisa e posturas reflexivas, que acolha os docentes e para que possam se sentir seguros nos problemas enfrentados no espaço escolar, onde são os

educadores que surgem como papel primordial para a socialização dos gêneros, feminino e masculino. Tudo isso se faz necessário pelo fato de que:

A formação contínua constitui processo privilegiado de interface das instituições formadoras com o profissional em exercício, permitindo o tratamento dos aspectos teóricos epistemológicos da formação em articulação com seus problemas concretos, valorizando os processos de produção de conhecimentos construídos no trabalho docente, pelo envolvimento com a investigação e a pesquisa no campo da educação e de sua área específica. (FREITAS, 2004, p. 112).

A escola surge, assim, como espaço de formar cidadãos conscientes e críticos diante dos problemas de gênero, feminino e masculino, que ainda se perpetuam nos dias de hoje. Ela não tem função de determinar os gêneros, mas pode pensar em maneiras burocráticas e éticas de respeito à opção individual de cada sujeito. Em todo caso, não devemos desconsiderar as transformações geradas pela luta de mulheres feministas ao longo da história que conseguiram e estão conseguindo, ainda mais, serem ouvidas e aceitas na sociedade. Em todo caso, independente da função social, todo sujeito em seu lugar de fala deve ter sua voz ouvida, inclusive na escola.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. – 2º ed. – Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**; Tradução Renato Aguiar. \_ 8º ed. – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.

ALMEIDA, Maria Isabel de. Estágio Supervisionado na formação docente: educação básica e educação de jovens e adultos/ Maria Isabel de Almeida, Selma Garrido Pimenta (org.) – São Paulo: Cortez, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. Novas políticas de formação: da concepção negada à concepção consentida. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (Org.). **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SCOTT, Joan. **História das mulheres**. In: Peter Burkner (org). A escrita da História: Novas perspectivas. São Paulo. Editora Unesp, 1992.

SWAIN, Tânia Navarro (1996). **A construção imaginária da história e dos gêneros: O Brasil no século XVI.** Textos de História. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UNB, Brasília, vol. 4, n. 2.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde:** definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. Revista de Saúde Pública, 2005. Jun. 39(3):507-14.